

**Desafios ao traduzir: algumas estratégias empregadas na tradução de
everything counts de Ama Ata Aidoo.**

**Challenges to translate: some strategies employed in the translation of
“everything counts” by Ama Ata Aidoo.**

Roquilane de Jesus Santos¹

Maisa Santos dos Anjos²

Raphaella Silva Pereira de Oliveira³

RESUMO: O presente artigo tem como principal objetivo apresentar as estratégias de tradução utilizadas para traduzir o conto *Everything Counts* (1970), que compõe a coleção *No sweetness here* da escritora de Gana, Ama Ata Aidoo. O trabalho foi realizado pelo grupo “The uses of translation: black feminism and womanism as response to racism”, uma ação extensionista desenvolvida na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Seabra. Esta pesquisa possui natureza qualitativa e foi realizada por meio de levantamento bibliográfico, focada em explorar algumas demandas acerca das estratégias de tradução. Intenta-se para tanto, discutir as teorias que aportaram essa prática tradutória, a saber: a perspectiva desconstrutivista, a tradução intercultural e suas possíveis interações com a teoria pós-colonial. Utilizou-se como sustentáculo teórico, escritos de Rosemary Arrojo (1986), Jacques Derrida (2002), Decio Torres (2009); Susan Bassentt (2007), Maria Aparecida Salgueiro (2010), Meire Ivone Silva (2007). Pretende-se com esse trabalho contribuir com os estudos que envolvem tradução e negritudes. Observou-se que apesar de uma tarefa complexa, a tradução de textos que compõe a literatura pós-colonial é uma tarefa possível, a partir de um fazer tradutório que perceba a tradução não como uma mera transferência de significado entre línguas, mas como um processo que examina a(s) cultura(s) (de partida e chegada) na criação do novo texto.

Palavras-chave: Tradução Intercultural; Literatura Pós-colonial; Ama Ata Aidoo; *Everything counts*; Estratégias de tradução.

ABSTRACT: This article has as main objective to present the translation strategies used to translate the short story “Everything Counts” (1970), which is part of the collection “No sweetness here” by the Gana’s writer Ama Ata Aidoo. The work was carried out by the group “The uses of translation: black feminism and womanism as response to racism”, an university extension project which is developed at State University of Bahia (UNEB) in Seabra. This research has a qualitative nature and was carried out through a bibliographic research, focused on exploring some demands about translation strategies. The intention is to discuss the theories that contributed to this translation practice, namely: the deconstructive perspective, intercultural translation and its possible interactions with post-colonial theory. Theoretical writings of Rosemary Arrojo

¹ Graduada em Letras Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus XXIII, Seabra. Participante do projeto “The uses of translation: black feminism and womanism as response to racism”. E-mail: roquilane17@gmail.com

² Graduanda em Letras Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus XXIII, Seabra. Participante do projeto “The uses of translation: black feminism and womanism as response to racism”. Pesquisadora vinculada ao grupo Desleituradas. E-mail: mah.anjos@gmail.com

³ Orientadora e coordenadora do projeto “The uses of translation: black feminism and womanism as response to racism”. Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia. Professora de língua inglesa na Secretaria Municipal da Educação do Salvador (SMED) e professora substituta no curso de Língua Inglesa e suas literaturas na UNEB, campus XXIII, Seabra. Pesquisadora vinculada ao grupo Desleituradas. E-mail: rpoliveira22@gmail.com

(1986), Jacques Derrida (2002), Decio Torres (2009), Susan Bassett (2007), Maria Aparecida Salgueiro (2010), Meire Ivone Silva (2007) were used. This work intends to contribute to studies involving translation and blackness. It was observed that despite a complex task, the translation of texts that belongs to post-colonial literature is a possible task, through of a translating process that realizes the translation not as a simple transfer of meaning between languages, but as a process that examines the culture(s) (the culture of departure and arrival) in the creation of the new text.

Keywords: Intercultural Translation; Post-colonial Literature; Ama Ata Aidoo; Everything counts; Translation strategies.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar algumas das estratégias utilizadas por estudantes do grupo “*The uses of translation: black feminism and womanism as response to racism*⁴” para a tradução do conto *Everything counts* (AIDOO, 1970, p.1-7) da escritora ganesa Ama Ata Aidoo.

O respectivo conto foi publicado na década de 1970, na coleção *No sweetness here*. A história é narrada a partir do questionamento sobre o uso da peruca por mulheres ganenses. A personagem principal “*Sissie*” uma professora de economia, que depois de estudar na Europa retorna para Gana é impactada por encontrar muitas mulheres usando o acessório, como forma de esconder os cabelos, frequentemente, crespos. Sissie reflete sobre o fato das mulheres ganenses estarem presas a uma ideia de uma beleza importada, bem como o impacto desse modelo na construção identitária. Dito isto, já é percebida a carga cultural presente neste conto, aspecto esse que na tradução revelou-se um processo complexo.

A literatura de Ama Ata Aidoo inscreve-se no que é chamado de literatura pós-colonial, que reflete cujo viés estético imbrica-se também ao discurso político que reflete a experiência do sujeito que teve/tem em suas raízes histórico-culturais, os rastros da ocupação colonial. A questão da identidade do sujeito pós-colonial constitui-se tema que permeia essa literatura. Diante disso, alguns desafios surgiram durante o processo de tradução: Como traduzir negritudes, marcas culturais, promover paralelos que aproximem a cultura fonte do leitor? Como transferir a carga cultural que o texto de Aidoo emana? Na

⁴ Projeto de pesquisa e extensão desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia, campus XXIII. Iniciado em 2017, o objetivo do grupo consiste em traduzir, adaptar promover a circulação da produção teórico/literária de autoras da diáspora, na comunidade acadêmica e em escolas do ensino médio de Seabra.

tentativa de responder essas questões, o grupo debruçou-se em estudos teóricos que subsidiassem a tradução.

Na tentativa de responder a essas questões, mergulhamos nas leituras sobre teorias da tradução, pós-colonialismo, além de debates que envolvem os estudos de raça e gênero. Essas reflexões serão doravante apresentadas com o intuito de apresentar a quem ler as teorias que sustentaram a prática tradutória realizada pelo grupo, que, metodologicamente chamamos de segundo momento: a tradução, a qual alguns desafios serão apresentados nesse texto e as “saídas” encontradas pelo grupo responsável pela atividade.

Para tanto, esse artigo está dividido em três tópicos. No primeiro, aborda-se a perspectiva desconstrutivista, que percebe o texto traduzido com o mesmo potencial criativo do texto original. No segundo, “Um breve olhar para a tradução intercultural e literatura pós-colonial” buscou-se demonstrar como essas teorias dialogam e fornecem subsídios as decisões que implicaram no processo de tradução do conto. No último tópico, apresenta-se Ama Ata Aidoo e o seu fazer literário, seguido do debate sobre o que chamamos de “empecilhos” na tradução e as escolhas tradutórias realizadas pelo grupo, com base nas pesquisas realizadas em fontes diversas, a exemplo de dicionários, sites com informações culturais, históricas, etc.

Percebeu-se que traduzir a luz da tradução intercultural é relevante em textos que abarcam temas que se referem à raça, a experiência de colonização, pois esta prever a tradução como um processo mais amplo que a transferência de significados de uma língua para outra, mas que também envolve culturas, experiências, inclusive de quem traduz.

1. A visão desconstrutivista: a tradução também é criação

Ainda nos dias atuais, a tradução é vista como um processo que deve ser realizado com total fidelidade ao texto de partida, entendida como um trabalho menor, que “corrompe a aura” do texto traduzido. Para além dessas assertivas, a tradução também pode ser a forma como o leitor infere suas impressões sobre o texto ou a interpretação que cada leitor realiza sobre o mesmo, expandindo outras formas de leituras. Arrojo em seu livro intitulado *oficina de tradução* (1986) traz outra vertente para se pensar a tradução como outras possibilidades criativas quando diz que:

Traduzir não pode ser meramente o transporte ou a transferência de significado estáveis de uma língua para outra, porque o próprio significado de uma palavra, ou de um texto, na língua de partida, somente poderá ser determinado, provisoriamente, através de uma leitura... O texto como o signo, deixa de a representação fiel de um objeto estável que possa existir fora do labirinto infinito da linguagem e passa a ser uma máquina de significados em potencial (ARROJO, 1986, p 22-23).

Tal pensamento coaduna com a perspectiva desconstrutivista de tradução, sendo também a abordagem teórica que a autora supracitada afilia-se. Essa visão norteou a prática de tradução do objeto desse estudo. Compreender essa visão se faz necessário, pois norteia não apenas a prática da tradução, mas também o papel de quem traduz e um conceito caro a tradução que é a ideia de originalidade.

O principal nome da teoria desconstrutivista, Jacques Derrida (2002), introduz o conceito de desconstrução e discentramento, provocando fissuras na visão logocêntrica⁵ da tradução. Nessas reflexões, o autor descortina uma problemática, a partir da integridade da palavra central do texto Babel, termo considerado como intraduzível devido toda divindade que está envolto no próprio significado. Derrida se apropria da palavra, no entanto, para dizer que a mesma pode ser ao modo do autor, “original”, intocável, mas também pode ser o que o tradutor a interprete ou traduza, sendo assim, “[...] reconhecido como fragmento de uma linguagem maior” (DERRIDA, 2002, p. 48), mas com a mesma grandeza que está em volta do original, possibilitando uma tradução ao termo e sugerindo outro significado para ele, ou, de acordo com Torres (2009, p. 145), “os ganhos, as diversas possibilidades, o prazer do jogo e da descoberta das palavras”. Desse modo, o texto traduzido também partilha do status de original, devido a nova criação. A tradução é percebida “como uma possibilidade dentre muita outras que já existam ou que possam vir a existir”. (TORRES, 2009, p. 145).

Seguindo esses pressupostos, pode-se considerar a tradução como um texto também original, criado a partir das impressões do tradutor e de toda referência histórica e cultural que ele conhecer e pesquisar sobre a língua de partida, a qual reverbera na língua de chegada. As possibilidades interpretativas, que são inerentes ao texto, por seus leitores permitem que dentro da tradução se configure em alternativas para o tradutor

⁵ A concepção logocêntrica pressupõe que o ato da comunicação perfeita só seria inerente a Deus, para quem o simples ato de nomear produz a coisa, o signo, o *feat lux* a palavra criadora: *in principio erat verbum*. Essa linha de raciocínio ficou conhecida como logocêntrica, ou seja, centrada no Logos. (TORRES, 2009, p.140)

refletir sobre e como um texto pode se transfigurar para atingir ou ser atingido pelo leitor/tradutor.

Outra questão que é pertinente a esse debate, trata-se do papel do tradutor no exercício da tradução e os dilemas que o coloca em lugares de desconfortos. A concepção logocêntrica da tradução considera o tradutor como sujeito que deve transpor significados, condenando qualquer interferência nesse processo e entende quem traduz como inferior e que pode danificar as intenções do autor do texto original, consequentemente invalidando a sua presença.

A abordagem desconstrutivista, a qual embasou o nosso trabalho tradutório, acompanhando o que diz Arrojo (1986) a respeito dessa concepção, considera esse sujeito, o tradutor, capaz de criar um novo texto a partir da sua interpretação, de sua interação com os dados culturais e históricos com o texto a ser traduzido, sendo este trabalho tão importante quanto o de quem criou a obra em sua língua de partida.

2. A tradução intercultural e o seu diálogo com a literatura pós-colonial

A Tradução Intercultural permite uma interação entre o tradutor e a obra traduzida, de modo que a influência mútua se torna ainda mais completa quando o sujeito que traduz conhece a cultura de partida para encontrar a equivalência na cultura de chegada. Este carece de estar maleável de maneira a não haver uma petrificação da sua própria cultura para não influenciar na tradução da cultura do outro.

Como afirma a pesquisadora Susan Bassnett (1999), “a tradução não acontece no vácuo e sim em um conteúdo ela não é um ato isolado mais parte de um processo de transferência intercultural”. (BASSNETT 1999, p. 2). Este pensamento aproxima os Estudos Interculturais que influenciado pelos Estudos Culturais, dialoga entre si pelas suas principais vertentes e desemboca no mesmo escopo que é a tradução de culturas, apontando o quanto são relevantes nesse contexto.

Ao perceber ainda a contemporaneidade, mediante o processo de globalização em que as informações percorrem distâncias com maior velocidade, a tradução assume um importante espaço no que diz respeito à tradução de culturas, e consequentemente deixa de ser “apenas um processo inter-lingual, mas fundamentalmente, uma atividade intercultural” (SALGUEIRO, 2010, p. 98). Ao tradutor cabe encontrar não apenas

equivalentes linguísticos, mas estabelecer conexão entre as culturas traduzidas. Nesse sentido, a tradução intercultural tem um papel importante na disseminação de culturas dialogando com as questões que emergem da construção da identidade do sujeito em ação.

Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (1992) afirmam que a literatura pós-colonial é aquela produzida por povos que foram colonizados pelas forças imperiais europeias e completas, compreendendo como “pós-colonial” as culturas afetadas pelo processo colonização, até os dias atuais.

Direcionando os holofotes desse texto para a autora do conto traduzido, Ama Ata Aidoo, esta faz parte de um grupo de intelectuais de Gana que tem a experiência da colonização como pano de fundo em seus escritos – do ponto de vista histórico, a autora reflete as marcas culturais, identitárias, deixadas na população ganense após a ocupação britânica, que deixa o país em 1957. A autora compõe o *hall* de escritores/as da pós-colonialidade que se insurgem através da voz literária para relatar poeticamente as suas impressões, análises da colonização em seu continente e mais ainda em sua nação.

. A Literatura Pós-Colonial faz ressurgir o que foi negado pelas correntes mais conservadoras e eurocentradas de uma cultura hegemônica ao povo colonizado, como uma das vertentes que emerge da Teoria Pós-Colonial. Possibilita um diálogo com as culturas periféricas e evidencia a desigualdade social, a opressão pelo autoritarismo do colonizador como forma de opressão e discriminação dos povos colonizados.

A expansão dos estudos pós-coloniais deu suporte para se discutir o colonialismo, mas também reformular questões sobre regimes totalitário e opressor, exploração e injustiças, trazido pelos efeitos do processo de colonização. Nesse sentido, a literatura pós-colonial denuncia as opressões e subalternidade vividas por esses sujeitos colonizados, ao mesmo tempo em que resgata as suas tradições e histórias que por vezes só existiam nas memórias e eram contadas oralmente por aquelas mulheres mais velhas das comunidades que ainda se lembravam do tempo em que a colonização ainda não havia lhes afetado.

Assim, o ato de traduzir as narrativas que envolvem as intersecções de raça e gênero subverte e desarticula as ideias formuladas a partir do colonizador/escravocrata para perpetuar as estruturas de poder sobre o colono/escravizado. As particularidades intrínsecas a tradução intercultural permitem avaliar os elementos histórico e cultural que

compõe a subjetividade do sujeito que fora colonizado, mas que insurge-se desvelando as narrativas de si, demonstrando as marcas psicológicas do choque entre as culturas (nativa e o colonizador) e são evidenciadas na literatura pós-colonial. Traduzir nesse sentido é uma tarefa de devir, permeada pela noção política advinda dessa literatura e de quem a representa.

3. Um olhar para Ama Ata Aidoo e seus escritos

Ama Ata Aidoo nasceu em Gana em 1946, filha e neta de chefes tribais na cidade de Aboadzi Kyiakor, foi uma mulher privilegiada, pois ao fazer parte da elite, teve a oportunidade de estudar nas melhores escolas do país, graduando-se na Universidade de Gana, localizada em Legon. Suas obras publicadas incluem duas peças, *The Dilemma of a Ghost* (1965) e *Anowa* (1969); duas coleções de contos, *No Sweetness Here* (1970) e *The Girl Who Can and Other Stories*; dois romances, *Our Sitters Killioy* (1977) e *Changes* (1991) e uma coleção de poemas intitulado *Someone Talking to Sometime* (1985). (SILVA, 2007, p. 3).

Desponta como uma escritora que tem transitado pelos mais diversos gêneros literários, sendo poeta, dramaturga, contista e romancista, mas o caráter de sua escrita pós-colonial é distinto pelo discurso nacionalista que ela emprega em suas narrativas, o ativismo que perpassa a ideia de independência do seu país e continente, mas que reverbera em sua própria condição de mulher e negra. Para Meire Ivone Silva,

Desde a publicação de suas primeiras obras na década de sessenta, Aidoo tem se tornado uma grande ativista importante nas lutas pela independência de Gana dos poderes coloniais e neocoloniais. Suas lutas também se estenderam aos negros em África e na diáspora contra a miséria, opressão e racismo passando ser uma das poucas mulheres africanas a trazer para suas narrativas o tema do comércio de escravos... Por isso suas personagens são ambivalentes fragmentadas, buscando um espaço entre os dois mundos: masculino e o feminino, o africano e o ocidental, ou melhor, as angustias de suas personagens refletem os sentimentos contraditórios da própria escritora (SILVA, 2007, p. 4)

Esses aspectos podem ser observados na coleção de contos, lançado na década de 1970, intitulado *No sweetness here*. Nessa coleção está presente o conto, objeto desse artigo com o título “*everything counts*” (AIDOO, 1970, p. 1). Nele, a personagem principal Sissie reflete como algumas atitudes foram drasticamente modificadas pelo sistema colonial e representa as aflições que incomodavam Aidoo, desde as ingerências dos problemas políticos e econômicos até a colonização cultural africana, a fim de fazer

uma (re) definição às injustiças cometidas pelos diversos regimes colonizadores. De acordo com Silva (2007),

No centro de tudo está à própria Aïdoó como uma das personagens da história do período pós-colonial, participou das lutas com o desejo de uma independência e na construção de uma nação. Seu discurso nacionalista está impregnado em suas narrativas, em suas entrevistas e ensaios, esta veia nacionalista está muito presente na coleção de contos *No sweetness Here* publicado em 1970, quase duas décadas após a independência de Gana. Passando por alguns dilemas referentes à sua luta por uma Gana independente Aïdoó reflete sobre as questões de poderes em África pós-colonial e chega a concluir que o trabalho que antes era feito pelo colonizador, passou a ser feito por gente de casa, por uma elite colonizada. (SILVA, 2007, p. 10, 11)

As narrativas emergem para desvelar a experiência da colonização a partir do sujeito que sofreu esse processo, que busca o apagamento do sujeito a partir da assimilação cultural. Desse modo, os escritos de Aïdoó denunciam os abusos aos quais foi submetido o povo de Gana. Como uma marca da literatura pós-colonial, essa literatura ajuda a redefinir os espaços e reformular as histórias, visto que a colonização impõe ao sujeito colonizado a um procedimento de tradução da língua e da cultura do colonizador.

É destacado por Bill Ashcroft (1989), que os colonizadores conseguiram fazer os nativos mais europeus de que os próprios europeus. E acrescenta que nesse momento a luta passou a ser contra a independência cultural. Aïdoó aborda essa questão no conto, *for whom the things never change*, presente também na coleção *no sweetness here* (1970). Essa violência como descreve Aïdoó, a partir da personagem Sissie, afetou principalmente as mulheres ganesas que na tentativa de se deslocar dos lugares subalternos de invisibilidade acabaram negando a sua estética para se assemelhar as mulheres brancas europeias.

3.1 A tradução em ação: Empecilhos tradutórios em “Everything counts”

A partir desse momento, serão destacados cinco trechos da obra *Everything Counts* de Ama Ata Aïdoó, que durante a tradução representaram momentos de debates, no sentido de escolhas das expressões que refletissem a mensagem da autora e que refletissem as perspectivas das práticas de tradução intercultural.

É aconselhável a quem utiliza a tradução intercultural que se tenha uma vivência nas culturas traduzidas. Caso contrário, a pessoa que traduz deverá compensar essa limitação na tradução. Salienta-se que, na prática dessa tradução buscou-se adentrar a cultura do “Outro” a partir de uma ampla pesquisa em sites, dicionários e fotos, na tentativa de aprimorar as ferramentas na prática tradutória. Salgueiro (2013) adverte ainda para o cuidado que é necessário se ter quando se traduz África; “Não podemos falar da África e da diáspora africana sem mencionar o papel decisivo que a tradução tem nesta realidade, seja pela visibilidade ou pela invisibilidade, ou seja, revelações identitárias daí decorrentes”. (SALGUEIRO 2013, p. 74). Nesse aspecto o trabalho tradutório realizado no conto *Everything Counts*, passou por momentos de tensão, concernentes a traçar paralelos entres a cultura fonte e alvo.

Para maior organização metodológica dos debates que se pretende traçar, os trechos serão divididos e analisados no que chamamos nesse artigo de “empecilhos da tradução”. De acordo com o Dicionário de Etimologia (disponível *online*), empecilho vem do latim *impedire*, impedir ou obstruir. Em português, “vem da raiz empecer, um verbo que significa impedir ou colocar obstáculos no caminho de alguém”. Tais “obstruções” podem ocorrer durante o fazer tradutório, revelando-se a primeira vista como impossibilidades da tradução. Nesse sentido, após apresentar o trecho da poética de Aidoo, explanaremos a nossa “solução” ou estratégia de tradução, que intentou refletir os pressupostos elencados pelas teorias debatidas anteriormente nesse trabalho.

EMPECILHO 1:

Apesar de algumas supressões e reorganizações do texto, buscou-se preservar a interpretação do que entendemos ser a mensagem proposta pela autora. Aqui, destacamos o trecho pela necessidade de apresentar ao leitor, o mote do debate de Aidoo na poética de *“Everything Counts”* (1970) que está conexo com o uso da peruca.

“After a time, she gave up arguing with them, her brothers. She just stayed clearly that the wig was an easy way out as far as she was concerned. She could not afford to waste that much time on her hair. The wig was, after all, only a hat. A turban. Would they please leave her alone? what was more, if they really wanted you see a revolution, why didn't they work constructively ways for it?” (AIDOO, 1970, p. 03)

“Depois de um tempo, ela desistiu de discutir com os irmãos. No ponto de vista dela, a peruca era o caminho mais fácil. Ela não poderia se dar ao luxo de perder tempo com seu cabelo. A peruca era, afinal, apenas um chapéu. Um turbante. Será que eles poderiam, por favor, deixá-la em paz? O que tinha demais? Se eles

realmente queriam ver uma revolução, por que eles não encontravam maneiras construtivas de fazer isso?” (Tradução nossa).

A reflexão se deu, sobretudo em pensar a maneira como o adorno estava inserido dentro da cultura de tal maneira que passa a ser visto, como natural. Fizemos questão de preservar a peruca como metáfora para fazer referência ao apagamento da identidade das mulheres negras.

Ao caracterizar a tradução afrodiaspórica, que nesse caso, se permite a alquimia com a tradução intercultural, Carrascosa (2017) sinaliza que isso decorre:

da presença forte de rastros que nos endereçam genealogicamente aos processos mais delicados e invisíveis da escravidão e colonização, que deixaram marcas no corpo e imaginário das sociedades estruturadas por tais regimes, na medida em que nenhum gesto genocida elimina por completo a cultura que deseja violentar”. (CARRASCOSA, 2017, p. 70).

De modo que o uso da peruca representava a colonização cultural das mulheres ganesas, assim como para as nossas referências de mulheres representa de igual forma.

EMPECILHO 2:

“She would just think of words of that crazy highlife song and laugh” (AIDOO, 1970, p.01)

“Ela apenas pensaria nas palavras daquela música louca, típica do seu país, o highlife, e riria.”

Nesse caso, não foi o trecho, mas a dificuldade de manter o sentido do termo *highlife*. O termo remete a um gênero musical do país, do período de 1920 e que se tornou popular em alguns locais do continente africano. Contudo, não sabíamos como expressar essa ideia no texto, sem comprometer o uso do termo. Pensou-se em excluí-la, (pois talvez não interferisse na tradução), entretanto, percebeu-se que uma marca cultural seria descartada. Durante a tradução, a alternativa utilizada pelo grupo foi preservar a palavra no texto e explicá-la na nota de rodapé. Para Salgueiro (2010), não é de se negar, que a utilização de artifícios na tradução é uma prática comum. Assim, da todas as maneiras que esses artifícios (nota de rodapé, breves explicações) “(...) isso demonstra é a ativa participação do tradutor no processo de trazer o leitor da língua alvo para mais próximo da experiência que o leitor do original vivenciou.” (SALGUEIRO. 2010, p. 88).

EMPECILHO 3:

It was then she noticed the wigs. All the girls were wearing them. The biggest ones she had seen so far. She felt very hot and she who hardly ever sweated, realised that not only were her hands wet, but also streams oof water were pouring from the nape of her neck down her spine. Her brassière felt too tight. Later, she was

thankful that Black women have not yet learnt to faint away in moments of extreme agitation. (AIDOO, 1970, p. 05)

Foi então que ela notou as perucas. Todas as meninas estavam usando-as. As maiores que já havia visto. Então, sentiu muito calor e ela que quase nunca suava, percebeu que não só as suas mãos estavam molhadas, mas também, um fluxo de água estava derramando de sua nuca até a espinha. Sentiu que seu *soutien* estava muito apertado. Mas tarde ela agradeceu que, as mulheres negras não tinham aprendido a desmaiar em momentos de agitações extremas” (Tradução nossa).

Um dos empecilhos em discussão nesse trecho tratou-se da palavra *brassière*. Estranhamos a acentuação da palavra, mas ao pesquisar rapidamente o termo, encontramos *brassiere*, a forma antiga, do que hoje se tornou *bra-sutiã*. Contudo, o acento permaneceu um estranhamento, então, buscou-se a etimologia da palavra “*brassiere*”. Descobrimos que a palavra foi um empréstimo do francês, escrito do mesmo modo colocado por Aidoo no trecho destacado. Isso nos colocou diante de duas opções de tradução, *sutiã* ou *soutien*, o termo em francês que influencia o termo em português e que era comumente usado pelos mais antigos. Considerando, as escolhas da autora (uso do termo em francês), o período histórico do conto, optou-se por *soutien*, por perceber que este termo trazia as marcas que a autora desejava e ainda por ser facilmente reconhecido pelo leitor de língua portuguesa.

Neste contexto de inferiorização da mulher negra, a tradução pôde mostrar o aspecto cultural latente inserido nas opiniões de Aidoo, assim como a problematização do uso da peruca e seus impactos na (re) constituição da identidade da mulher negra pós-colonial. O apagamento de si, nesse momento impactava na personagem Sissie de tal modo que respondeu em seu físico. Ao construir essa narrativa, Aidoo encerra o trecho denunciando como a mulher negra foi negada o direito de sentir.

EMPECILHO 4:

“She just recalled, later, that all the contestants had worn wigs except one. The winner. The most light-skinned of them all. No, she didn’t wear a wig. Her hair, a mulatto’s, quite simply, quite naturally, fell in a luxuriante mane on her shoulders”. (AIDOO, 1970, p. 7)

“Ela recordou-se, mais tarde, que todas as concorrentes do concurso usavam perucas enormes, exceto uma, a vencedora. A que tinha a pele mais clara de todas. Não, ela não usava peruca. O cabelo dela, encaracolado, natural, uma juba exuberante caindo por seus ombros.” (Tradução nossa)

A tensão nesse caso deu-se a partir do uso ou não do termo *mulato*, visto que na cultura brasileira, é um termo considerado pejorativo na atualidade. O termo geralmente é

utilizado para classificar pessoas com origem birracial (um dos progenitores negro é uma pessoa negra e a outra, branca), contudo abriga grandes tensões em nosso país, sendo visto como uma forma de perpetuar estigmas. Pela descrição feita pela personagem, optou-se por utilizar “encaracolado”. Essa, que para o grupo configurou-se como uma “cilada tradutória”.

Ainda sobre o parágrafo, sobre “a pele mais clara” trás uma questão nos debates sobre questões raciais. Esse debate interessa por refletir um aspecto dos pressupostos de eugenia que constitui a fundação do nosso país, dos atuais debates que tem emergido nos movimentos que debatem a negritude, a exemplo do colorismo⁶.

Como o mote da história são os conflitos de identidade que emergiam a partir do uso da peruca, na tradução, buscou-se preservar a mensagem da autora ao escrever *Everything Counts*. Dentro desse contexto, Carracosa (2017), descreve na obra “Traduzindo no Atlântico Negro”, a forma como o processo da diáspora, opera para que o sujeito colonizado/escravizado se sinta inferior, (porque de alguma maneira o corpo negro emerge do mesmo lugar) e deseja na mesma proporção subverter as condições impostas. Nesse aspecto, a autora defende que a tradução tenha como objetivo não só transcrever os aspectos linguísticos, mas também que ela se encarregue da tradução dos aspectos culturais em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do referido trabalho possibilitou apresentar e analisar e o uso das estratégias de tradução utilizadas no fazer tradutório do conto “Everything Counts” a luz da perspectiva desconstrutivista, dialogando com as teorias de tradução, ao passo que incorporados a esse estudo, a tradução intercultural, refletindo sobre período histórico, cultura e tradições de Gana. Os diálogos entre teoria e práticas possibilitou a aplicação das estratégias, que agregada à tradução serviu para mediar à relação do leitor com a cultura do texto analisado.

De modo geral, a discussão decorrente das teorias supracitadas sobre tradução, permitiu entender que o ato tradutório vai além do transporte do signo linguístico de uma dada comunidade cultural para outra, ela admitiu uma desconstrução para comportar

⁶ Ao contrário do racismo, que se orienta na identificação do sujeito como pertencente à certa raça, para poder exercer a discriminação, o colorismo se orienta somente na cor da pele da pessoa.

também a tradução dos elementos culturais da cultura que se deseja traduzir, possibilitando o surgimento de textos originais tal como o texto fonte, para, além disso, a tradução não ocorre de forma aleatória, à tradutora precisa estar atenta ao contexto histórico que emerge o texto fonte a mensagem que dali decorre, quais questões norteou essa escrita, pois todas essas demandas precisam ser levadas em consideração.

Pretende-se com esse estudo contribuir com as pesquisas que envolvem os estudos tradutórios e a literatura produzida por mulheres negras no contexto pós-colonial, bem como inspirar iniciativas de tradução desses textos, que ainda são pouco difundidos no cenário brasileiro.

REFERÊNCIAS:

AIDOO, Ama Ata. **No Sweetness Here**. New York: the feminist Press, 1970.

ARROJO, Rosemary. Oficina de tradução: a teoria na prática. São Paulo, SP: Ática S.A, Série Princípios, 1986.

BASSENTT, Susan; TRIVEDI, H. (Ed) **post-colonial translation** - theory and practice. London: routledge, 2003.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.

CARRASCOSA, Denise. **Traduzindo no Atlântico Negro**. Cartas Náuticas Afrodiaspóricas para Travessias Literárias/ Denise Carrascosa (org). Salvador: Editora Ogun's Toques Negros 2017.

CATFORD, J. C. **Uma teoria linguística da tradução**. São Paulo, Cultrix, 1980. (tradução brasileira de *A linguistic theory of translation*; na essay in applied linguistic. Oxford, Oxford University Press, (1965).

CRUZ, Décio T. **Estudos linguísticos e literários**: As escolhas na tradução. 39: 129-182. Salvador, BA: Edufba, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**/tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2002.

HALL, Stuart. A identidade na pós-modernidade. Rio de janeiro: DPA, 2003.

NIDA, Eugene. **Language structure and translation**. Califórnia, Stanford University Press: 1975.

NIRANJANA, T. **Siting Translation: History, Pós-structuralism and Colonial Context.** University of California Press, 1992.

SALGUEIRO, M. A. A. **Traduzir Negritude: Desafios para os Estudos de Tradução na Contemporaneidade.** Caderno de letras da UFF- Dossiê: nº 48, p. 73-90 2010.

SILVA, M. S. da Silva. **Reinventando Identidades: Gênero, Raça e Nação na Literatura de A.A. Aidoo.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, S. P: Tese de mestrado 2007.

DJOKIC, Aline. **Colorismo: o que é, como funciona.** Geledés, Marginal, PA. 27 de Janeiro de 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

CAMBRIDGE, Dicionário Online. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/>>. Acesso em: 30 de Nov. 2019.

ETIMOLOGICO, Dicionário. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/empecilho/>. Acesso em 28 de nov. de 2019.

HOUAISS, Dicionário de língua portuguesa online. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/houaiss/>>. Acesso em: 30 de Nov 2019.

HIGHLIFE, Classic old school – Ghana. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?/>>. Acesso em: 26 de Nov. de 2019.

OXFORD, Dicionário Online. Disponível em: < <https://en.oxforddictionaries.com/>>. Acesso em: 30 de Nov. 2019.

Recebido em: 27/03/2020
Aprovado em: 02/07/2020